

# O continente desencantado

ANDRÉ BUENO  
(UFRJ, CNPq)

É difícil não perceber a força da modernização do capitalismo nas décadas recentes, no Brasil e na América Latina. O resultado mais marcante tem sido uma rápida urbanização, desigual e contraditória, fazendo com que populações inteiras migrassem do campo para a cidade, das regiões rústicas e rurais para os centros urbanos, grandes ou médios. Se, no começo do século 20, menos de 25% da população vivia em cidades, no presente temos quase 80% vivendo em cidades, como é o caso do Brasil. São pólos dinâmicos de atração, orientados pela força expansiva das novas relações de produção, do alinhamento subalterno dos países na ordem global do capitalismo, da integração dos que trabalham na sociedade de classes, da presença maciça do consumo, da mercadoria e dos meios massivos de entretenimento na vida cotidiana. Com isso, o sentido da crítica precisa se apoiar no presente, atualizando as imagens e visões vindas do passado, para não correr o risco de repetir idealizações, talvez cabíveis em contextos anteriores, talvez vislumbres de rumos possíveis que não se realizaram.

Merecem relevo as metrópoles do capitalismo ainda periférico, como São Paulo, Cidade do México e Rio de Janeiro, com sua explosiva mistura de modernização e atraso, combinando, de maneira desigual,

traços da longa duração histórica, vindos da herança colonial, e os sinais mais próximos, vindos das alterações no mundo do trabalho, das técnicas, da indústria e do comércio, das comunicações e suas redes imaginárias, das novas fronteiras agrícolas e dos pólos regionais da modernização, alterando muito o que foi o Brasil caipira, do interior, das tradições populares, orais e religiosas. O mesmo podendo valer, embora escape do alcance deste ensaio, para outros países da América Latina. A título de ilustração do sentido do processo, cabem algumas informações sobre o processo global de urbanização da humanidade.

Em 2015, quatro das cinco megacidades do planeta estarão em países da periferia do capitalismo: Tóquio terá 28,9 milhões de habitantes, a Cidade do México 19,2 milhões, São Paulo 20,3 milhões, Bombaim 26,2 milhões e Lagos, na Nigéria, terá 24,6 milhões. Por sua vez, Nova Iorque, Xangai, Los Angeles, Calcutá, Buenos Aires, Seul, Pequim, Osaka, Nova Deli, Rio de Janeiro e Karachi estarão com populações um pouco ou muito acima dos 10 milhões de habitantes<sup>1</sup>.

Daí não se conclua que aumento de população seja equivalente a aumento de poder econômico, militar, político ou cultural. Bem ao contrário, são alterações que concentram os centros de poder e decisão nas metrópoles e megacidades desenvolvidas, como Nova Iorque e Tóquio, ao passo que o aumento brutal de população na periferia indica graves problemas para as populações: miséria, violência, fome, desemprego, poluição, incapacidade de atender às demandas básicas e humanas dessas populações agregadas a uma precária vida nas cidades.

Definidas as *megacidades* como manchas urbanas com mais de 10 milhões de habitantes, os pesquisadores agora empregam o conceito de *idades globais*. Segundo pesquisa da Universidade de Loughborouh, na Inglaterra, as *idades globais* são “aquelas que concentram perícia e conhecimento em serviços ligados à globalização, independentemente do tamanho de sua população. Isso é medido pela presença de escritórios das principais empresas mundiais em contabilidade, consultoria, publicidade, bancos e advocacia<sup>2</sup>”. Numa

## O CONTINENTE DESENCANTADO

escala muito forte e abrangente, interligada e interdependente, são os vetores da economia global do capitalismo no final do século 20 e, com certeza, ainda mais no século que está para começar. Formam uma rede urbana sem fronteiras nacionais, concentrando US\$ 1,4 trilhão dos mercados financeiros, irradiando os avanços tecnológicos, difundindo serviços especializados e concentrando as estruturas de comando de 37 mil empresas transnacionais<sup>3</sup>. Como resume Saskia Sassen, “é por meio da rede de cidades globais que a economia global é administrada, coordenada, planejada e servida”<sup>4</sup>. No que diz respeito ao Brasil e à América Latina, cabe acrescentar mais dois resumos, bastantes sugestivos. Não tenho dúvidas de que as cidades globais provocam desigualdade no plano internacional, na América Latina isso já está acontecendo. Para as multinacionais é fora de questão manter uma presença em todos os países da região.

“É mais fácil estar em uma grande cidade e servir o mercado latino-americano de lá. Cidades como São Paulo e Santiago, onde os serviços são melhores, vão ganhar, e outras vão perder”, afirma o pesquisador canadense Ted Hewitt. Acrescente-se a isso a posição de Saskia Sassen, no livro *As Cidades Mundiais*: “Existem cidades, como Paris e Londres, que pertencem a uma hierarquia urbana nacional e a um sistema em nível global. Por outro lado, cidades situadas fora dessas hierarquias tendem a se tornar periféricas ou ainda mais periféricas do que têm sido”<sup>5</sup>.

No que diz respeito à rede urbana brasileira, a pesquisa mais recente, conduzida pelo Ipea, pelo IBGE, pelo Seade e pela Unicamp, indica alterações importantes. Após viver uma urbanização muito veloz, concentrando populações em metrópoles do sudeste, como São Paulo e Rio de Janeiro, de forma muito acentuada nas décadas de 1970 e 1980, o processo de urbanização está se interiorizando, criando novos pólos dinâmicos de atração. Ou seja, certas áreas periféricas no contexto nacional estão se modernizando, crescendo a taxas elevadas e promovendo avanços econômicos regionais. Ou seja, tipos de *capitais*

*regionais*, com um nível de consumo e concentração de riqueza notáveis.<sup>6</sup> Ao se interiorizar e expandir as fronteiras internas dos países, a modernização tem um outro custo, muito alto, que associa miséria e devastação ecológica. Ou seja, grandes áreas são ocupadas de maneira predatória, destruindo as florestas, causando erosões e desertificando os solos, numa dura imagem do país do futuro, daquele em que se plantando tudo daria, como destruição ainda associada à miséria das populações.

Em resumo, em pouco mais de meio século a modernização conservadora do capitalismo provocou profundas alterações, que não podem ser deixadas de lado, ao preço de se perder a crítica que parta do presente. Como este não é um ensaio de sociologia urbana, trata-se de avançar algumas hipóteses em termos do pensamento crítico sobre literatura, cultura e sociedade em nossos países. Mudando os mundos do trabalho, as formas de produzir e usar técnicas avançadas; integrando-se uma parte dos trabalhadores pobres à sociedade urbana de massas, com nítida divisão de classes, sejam eles negros, índios, mestiços ou brancos também pobres, e excluindo outra parte, que vive no desemprego, no subemprego e no limiar da miséria; desenraizando as populações das culturas populares rústicas e rurais, orais e religiosas e absorvendo-as na mitologia da mercadoria e seus processos de sedução; com essas mudanças todas, profundas e abrangentes, as mais das vezes irreversíveis, ao mesmo tempo práticas e imaginárias, concretas e simbólicas, produz-se um poderoso *desencantamento do mundo*, para usar logo a imagem clássica de Max Weber aproveitada no título deste ensaio.

O que leva ao argumento central deste trabalho: este veloz e violento processo de *desencantamento do mundo* parece tirar o chão histórico de muitas imagens e visões ligadas ao pensamento, crítico ou menos crítico, sobre o Brasil e a América Latina, por assim dizer *desidealizando* essas imagens e visões. Por certo que de maneira crua e brutal, sem mediações imaginativas elaboradas, fazendo com que o

## O CONTINENTE DESENCANTADO

repertório passado de imagens e visões compensatórias, dos desrecalques locais, dos ufanismos e exotismos, românticos ou não, dos populismos líricos e sentimentais e dos nacionalismos mais ou menos exaltados se deslocou, apareça como algo estranho diante da realidade impessoal, burocrática, abstrata, do *mundo desencantado e sem coração* que é inseparável da expansão capitalista.

Isso posto, ao pensamento crítico que parta do presente cabe ao menos tentar atualizar essas imagens e visões, com amor e humor, com ironia e distância, tirando delas o idealismo que o processo histórico se encarregou de ir deslocando. Ou seja, *o futuro já chegou* e, no limiar do novo século, com quinhentos anos de conquista e colonização, percorrido um duro trajeto, do Novo Mundo edênico e paradisíaco ao mundo da vida cotidiana burocrática e desencantada do capitalismo modernizado, talvez seja mesmo hora de dizer adeus às ilusões e tratar da realidade e suas leis cruéis.

Dada a velocidade do processo de modernização, o passado pré-urbano, das populações rurais e interioranas, é algo que se apresenta, ao mesmo tempo, muito próximo e muito distante. Próximo porque as mudanças ocorreram em poucas décadas e distantes porque a própria violência e velocidade do processo alteram a memória histórica da geração presente em relação ao que foram a vida, as esperanças, as percepções e os combates das gerações anteriores. Esquecimento que, no caso, é bem sinônimo de reificação, de violência que congela e torna anacrônico o passado e suas relações com o presente. Daí a sensação, de todo ilusória, de que o mundo das imagens de massa e do consumo acelerado seja um presente continuado, solto no espaço e no tempo, indeterminado e vazio. Ou seja, desencantado pela via prática da produção, do trabalho e do consumo, assim como pela via do imaginário carregado de ideologia, que elabora a hegemonia e os falsos consensos.

Tão perto, tão longe, o passado mais próximo parece miragem, uns destroços trágicos, que a força da modernização foi deixando à margem, como memória de pequenos grupos, como esperanças nunca

cumpridas, como promessas de felicidade negadas ou o tempo todo adiadas. Portanto, nem paraíso perdido, nem terra prometida, nem condenação ao progresso, nem fatalidade do atraso. Mais do que isso, nada de específico nas sociedades locais, em suas culturas e misturas, para se contrapor à racionalidade pragmática e desencantada, burocrática e impessoal da expansão do capitalismo, no Brasil e na América Latina.

Adeus às ilusões? Tudo indica que sim. Terminado o ciclo das lutas de independência, de formação de Estados nacionais na região, das lutas pela emancipação frente ao capitalismo e com a chegada forte da modernização, ficou mais difícil imaginar uma alternativa, teórica e prática, ao existente. A começar pela abordagem, já clássica, da América Latina como *unidade na diversidade*, que se resolveria numa Pátria Grande, em uma Nuestra América, forte, unida e emancipada. Combinando elementos nacionalistas, populistas e socialistas e marcando uma ruptura com a posição periférica do continente. Bloco, agora, tornou-se sinônimo de bloco econômico, tipo Mercosul ou Alca, reunindo países através do interesse comercial. Afora isso, parece que a modernização acelerou um dos pólos da fórmula clássica, a saber, o da *diversidade*, muito mais do que o da unidade, pois tende a fragmentar, romper laços, isolar os países e as regiões. Fazendo com que sejamos, tudo posto, um conjunto de muitos países e regiões quase sempre estranhos uns para os outros e, ao mesmo tempo, familiares com o imaginário dos simulacros globais que circulam nas redes de informação.

Com isso, pode-se notar um certo empobrecimento imaginativo, uma dificuldade em pensar as relações entre literatura, cultura e sociedade que, faz pouco tempo, pareciam bem possíveis. Daí o desencanto: o futuro já chegou, está passando, e as utopias e promessas de felicidade, a favor ou contra a corrente dominante, perderam força. Pela via pragmática e aderente, trata-se apenas do nosso “inevitável” destino histórico, ou seja, integrar-se ao capitalismo e seguir, como der, seus vetores muito bem determinados. Pela via crítica, o processo que desencantou a teoria e a prática tem muito de *trágico*.

## O CONTINENTE DESENCANTADO

Será sempre assim? Os vivos conseguirão cobrar a violência sobre as gerações de mortos e de vencidos? Como resgatar essa memória imensa, de veias secas, de corações solitários, de anonimato, de impessoal desumanização? Impossível saber.

Sabemos todos que a imagem de uma América Latina unida e única sempre teve muito de idealização repressiva, do olho do colonizador introjetado, misturando tudo num saco de gatos, apagando as diferenças em nome de uma visão geral e complacente. Com simpatia ou preconceito, esse nosso Extremo Ocidente, resultado histórico de colonização européia, portuguesa e espanhola, podia ser visto como exotismo, como vivo folclore, como alteridade difusa e sedutora ou, tantas vezes, como inevitável barbárie e atraso, fadado ao fracasso, à ruína, à margem da corrente principal da história do mundo. Complementares, as duas idealizações fizeram fortuna e ainda alimentam muito do imaginário sobre a América Latina, por uma via de mão dupla, dentro e fora dos nossos países, conforme a ocasião e a ilusão do momento.

No conflito clássico, entre *civilização e barbárie*, a linha dura do processo, com ou sem tinturas iluministas, foi sempre bastante clara: o genocídio dos povos indígenas é justo, pois nem humanos são, o que acabou chocando sensibilidades religiosas mais afloradas; o uso do negro para o trabalho escravo se justificava pela inferioridade desse povo vindo de tribos africanas bárbaras e atrasadas, depois por ter se tornado uma espécie de fato natural na vida do país; a integração violenta dos contingentes de imigrantes europeus ao processo de modernização do capitalismo, passando pela vida rústica e rural, sempre se justificou pela inferioridade dos pobres, mesmo que brancos, ainda que europeus; e a violência de muitos séculos contra os lavradores, os que tentam trabalhar a terra, essa veio em linha reta, do primeiro século da colonização até o presente, justificando os massacres, mesmo nos momentos ditos democráticos. Que a *civilização* tenha vindo na forma estranha da miséria, do massacre, da violência continuada, do mando e da submissão, adoçados com as pílulas douradas do progresso é algo a sempre ser considerado, antes como agora.

Pela via simpática e emocional, cultural e poética, foram e são outros os caminhos percorridos. O que parecia desvantagem, a depender do ângulo poderia muito bem ser uma vantagem, inesperada mas ainda vantagem. Aqui, é certo, o debate torna-se mais sutil e elaborado, podendo ser apenas indicado e sugerido. Sobretudo, trata-se da idealização, recorrente e com variada fortuna crítica, do Brasil e da América Latina como sociedades não de todo organizadas, não de todo integradas na lógica impessoal e pragmática do capitalismo como desencantamento do mundo. Ou seja, sociedades e culturas maleáveis, ainda flexíveis, com alternâncias sugestivas de uma *outra* realidade, de um *outro* possível histórico. Daí derivando um argumento importante para este ensaio: a modernização do capitalismo, sua presença extensiva e profunda, na prática vem negando essa possível *outridade*.

Avançando um pouco mais o argumento, parece que a própria formação do capitalismo, no geral e no particular, no plano macro da economia e no micro da vida cotidiana das populações, organiza as sociedades a partir de um exigente e rigoroso *princípio necessário de realidade*, estreitando a mobilidade das culturas e alternativas locais. No extremo, tirando mesmo o chão histórico da própria imaginação que permitiu pensar essa mobilidade, essa integração parcial e lacunar ao próprio capitalismo. Pode-se dizer, talvez, que o jogo tenso e contraditório entre necessidade e emancipação, entre realidade estrita e o princípio do prazer — ligado ao erotismo, ao lúdico, ao móvel, ao criativo, ao não absorvido pelo mundo do trabalho, da lei definida e da organização repressiva, da norma impessoal e abstrata, da vida regrada e burocrática — tem pendido com muita ênfase para o lado da necessidade, da realidade estrita, da imaginação empobrecida, das energias eróticas e criativas absorvidas, na prática do trabalho e no imaginário do lazer, pela divisão social do trabalho e seus imperativos categóricos.

Se for esse o caso, diz respeito aos trabalhadores, do campo e da cidade, assim como às classes médias urbanas, indicando mais

## O CONTINENTE DESENCANTADO

integração do que resistência, mais conformismo do que impulsos de autonomia e emancipação, mesmo que seja no nível, muito bem delimitado, do possível definido pela dimensão estética e suas formas. Onde se pode, é claro, sempre considerar que o ser humano foi feito para o ócio, não para o trabalho, para o mundo lúdico e erótico, não para a rigorosa ética do trabalho, sem esquecer que a própria dimensão estética goza de autonomia desde que fique a si mesma circunscrita, sem interferir no mundo dos negócios, numa marcante combinação de liberdade imaginativa e impotência prática. Por certo, um problema difícil e variado, a exigir matizes e sutilezas, para que não se percam os níveis mais elaborados do conflito e da contradição. Mas sugestivo, mesmo que pela via apenas negativa. Difícil idealizar a capacidade de resistência da cultura popular, aqui no Brasil e também na América Latina, diante da violência e da velocidade da modernização do capitalismo, nas décadas recentes e no presente final de século 20.

Tão perto e tão longe, que distância estranha separa o mundo caipira da roça, religioso e oral, de pés descalços, do coronelismo e do mando, do voto de cabresto, da moda de viola, da vida rústica, das lendas e dos mitos, dos ritos religiosos, da música popular do folclore, desse mundo em que agora vivemos, orientado pelo consumo, pelas duplas sertanejas milionárias, pela parada de sucessos, pela riqueza rápida como modelo a ser seguido e cobiçado. Convivendo, é claro, ainda com a miséria e a exclusão social, onde temos não mais apenas Jecas Tatus, mas a luta organizada, como no Movimento dos Sem Terra, que certamente não parte de qualquer idealização, quer do capitalismo, quer de alguma mítica capacidade de resistência do lavrador pobre e sua cultura. No pólo urbano, nota-se uma acelerada absorção da força e variedade da cultura popular, sobretudo musical, pela indústria da cultura. Definindo, ainda aqui, critérios de riqueza e de ascensão social. Arrivismo ostensivo e vulgar que, no entanto, tem força, molda o imaginário, orienta visões de mundo, absorve e seduz os pobres das periferias urbanas, assim como vastos setores das classes médias, sempre fáceis de seduzir e iludir. Aqui também, parece, a força inclusiva e

integradora do capitalismo parece bem mais forte do que a capacidade de resistência da cultura popular, quando pensada no próprio processo histórico, não pela via de algum tipo de idealização, mesmo que generosa e geradora de gratificações emocionais. O que não é sinônimo de ausência de heranças marcadas da cultura popular, ou de sua importância como força agregadora em certos contextos comunitários locais.

Fica muito difícil imaginar uma *América profunda* — indígena, negra, mestiça, ancestral e permanente — como alternativa ao capitalismo instalado em nosso Extremo Ocidente, ou mesmo a defesa direta da mistura, promovida pelo próprio avanço do capitalismo modernizado, que resulta num culturalismo idealista e abstrato. E parece ingênua, ou desfocada, a imagem dessa *Outra América*, na prática, como alternativa e recusa da racionalidade européia. Pode funcionar, digamos assim, como alternativa mitopoética ou narrativa. Com o risco, volta e meia, de fortes derrapagens no idealismo mais xaroposo e soporífero de uma certa vertente do chamado *realismo mágico latino-americano*, produzindo formas novas, e caricatas, de exotismo tropical e periférico.

Por oposição, marcada, a uma literatura, muito variada, sobretudo urbana, da mesma América Latina, que já parte do desencanto e de uma combinação madura da perspectiva local e dos dados universais, situando-nos à altura do que se faz nos países desenvolvidos, sem xenofobia e sem cosmopolitismo vazio.

Por vias transversas, pode ser que o desencantamento nem sempre seja ruim, podendo funcionar como estímulo a uma arte e um pensamento crítico mais maduros, livres das idealizações, dos exotismos, dos traços folclóricos, das visões sociais perturbadas por certas variações, problemáticas, do populismo e mesmo do nacionalismo. A indicar, talvez, a necessidade de pensar esses problemas em outro nível, mais exigente e mais elaborado, não o mero impulso de abandonar todo o legado das gerações passadas, como mero peso morto ou desagradável anacronismo diante das ilusórias atualizações que se apresentem.

Que incluem, conforme o caso, o desejo de jogar no lixo *toda* a razão, a pragmática e a crítica, a positiva e a dialética, a integrativa e a divergente, a conformista e a emancipadora. Caso assim fosse, o resultado mais saliente seria deixar os oprimidos ainda mais desarmados do que já se encontram diante do capitalismo videofinanceiro, virtual e movido a simulacros do mundo da mercadoria. Como entender a sutileza da nova barbárie que ocupa o cotidiano, e que vem na forma de eufemismos tipo “qualidade total” ou “flexibilização do trabalho”, a pretexto de acertarmos os ponteiros com o tempo histórico do capitalismo? Como, sem uma razão crítica e rigorosa, entender o desemprego, o subemprego, a revanche do capital contra o trabalho que caminha agora a passos largos? Ou seja, uma tradição crítica, teórica e prática, racional, já faz parte do melhor legado das gerações passadas, tanto no Brasil quanto na América Latina. Se fosse descartada, seria bem frágil o ponto de apoio nas ruínas e fragmentos das antigas civilizações indígenas ou das tradições populares. Que, pelo próprio movimento de expansão do capitalismo, foram sendo destruídas, desenraizadas, fragmentadas, absorvidas pela vida urbana e transformadas.

A *outridade* latino-americana, entendida como contraposição lírica, imaginativa, erótica e lúdica, sensual e criativa, flexível e móvel, que não destruiria a natureza e não produziria contratos sociais opressivos, marcando a diferença em relação às sociedades ordenadas e burocráticas, pragmáticas e funcionais, impessoais e normativas, típicas do capitalismo, faz uma figura estranha no presente.

No momento, para milhões de trabalhadores, o assunto é um só: ter acesso ao mundo do trabalho, conseguir um salário para sobreviver, não se tornar mais um vitimado pelo que agora chamam *desemprego estrutural*. Eufemismo, ainda, para a nova lógica da produção, do trabalho e da acumulação, que torna dispensáveis milhões de pessoas. Sem outra consideração que a lógica restrita do mercado e da mercadoria.

Pode-se argumentar que aquilo que era arcaísmo revalorizado pelos modernistas brasileiros — o humor, a preguiça, a malícia, a sensualidade, os traços cordiais, as normas ainda mais ou menos frouxas, o superego social folgado, a manha e a malandragem na cultura popular — e contraposto aos valores apresentados pela modernização do capitalismo, já percebido como ética do trabalho, moral rigorosa, normas impessoais e abstratas, muito mais princípio da realidade do que princípio do prazer, muito mais desempenho do que imaginação lúdica e criativa, tornou-se legado, memória, um Outro que pode ser imaginado, mas que ficou pelo caminho.

Pensemos, por um momento, na *divina preguiça* de Mário de Andrade; no *Matriarcado de Pindorama*, na *sábia preguiça solar*, no *bárbaro e nosso*, na *alegria como prova dos nove*, no *negócio como negação do ócio*, na figura compósita do *bárbaro tecnizado*, acomodação ideal do moderno com o arcaico, da tradição brasileira com o próprio mundo urbano do capitalismo em Oswald de Andrade; na figura do *homem cordial*, de um Brasil ainda patriarcal, mais rural do que urbano, mais ameno do que definido pelo ritmo da produção capitalista, ainda capaz de relações pessoais, mais na esfera familiar e da amizade do que no espaço impessoal da norma ou das exigências do mercado e da mercadoria, como em Sérgio Buarque de Holanda; ou então, mais recente, a visão de Darcy Ribeiro do Brasil como uma *Roma tardia e tropical, mestiça e generosa, alegre porque sofrida*, capaz de fundar, unida à América Latina, uma civilização própria, contraposta ao mundo anglo-saxão. Que se podia pensar, digamos assim, como variações em torno do anti-capitalismo romântico, lúdico e criativo, reivindicando, volta e meia, o direito à preguiça e ao ócio, ao prazer e à ausência de rotina, de repetição burocrática, de norma impessoal que absorve toda energia no trabalho, na produção, na moralidade restrita, no princípio exigente de realidade imposto pelo capitalismo. Que o mal-estar na modernidade capitalista gere as várias formas do anti-capitalismo romântico, entende-se. O que se entende menos é a contínua idealização

que pode se repetir, sem crítica, sem olhar de frente a realidade com suas leis cruéis.

Onde foi parar essa bela e lúdica, alegre e sensual civilização dos trópicos, sem culpa e sem pecado, com traços amenos e cordiais, evocação do matriarcado em plena vigência do patriarcado, de um erotismo liberado de superego, de renúncia, de mal-estar na civilização capitalista da Modernidade? No imaginário, ainda poderia ser sustentada e sugerida, nas formas mais sutis e elaboradas. Na prática, tornou-se uma miragem, que se olha com humor, com ironia, com distância crítica e, certas horas, com impaciência. Quando se lembra, por exemplo, que o Brasil anterior ao Modernismo e à Modernização era um tipo de arcaísmo a não ser idealizado, em nenhum sentido, o que recuperar de uma sociedade patriarcal, escravista, autoritária, com uma história plena de crueldade?

Posto o trabalho como atributo dos de baixo, dos subalternos, dos inferiores, e o ócio, e a preguiça, e o lazer criativo, e a imaginação lúdica e erótica do lado dos que detinham algum tipo de privilégio, com isso escapando do trabalho manual embrutecedor? A não ser que, por uma via mágica e desconhecida, nossa sociedade pré-urbana e pré-moderna tivesse sido o próprio reino da liberdade, livre da necessidade e da coerção, da renúncia e da sujeição, regido pela gratificação erótica e não pela renúncia, pela autonomia dos sujeitos e não pelo mando, de quebra abolindo a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual. Com alguma oscilação entre ordem e desordem, entre o alto e o baixo, entre a norma e a transgressão, entre a sisudez patriarcal e policial e a leveza bem humorada do povo, pode até ser que sim e até um certo ponto. Mas, por certo, não mais do que isso.

Notável, também, a fortuna e a persistência de uma certa *psicologia do caráter nacional brasileiro*, sem crítica e atravessada pela ideologia. Como se o ritmo e o sentido da história, prático e simbólico, concreto e imaginário, pudessem ser ditados pelas oscilações

de humor e temperamento dessa entidade abstrata, genérica e vazia intitulada “nós, os brasileiros”. Ora seriam esses “brasileiros” otimistas, ora “pessimistas”, ora uma “raça triste” metida nos trópicos, ora uma raça “alegre e sensual”, com uma energia vital resistente a qualquer forma de integração, de violência. No máximo da elaboração crítica, seriam esses tais “brasileiros” uns ciclotímicos, oscilando sempre entre otimismo e pessimismo, euforia e depressão. A denotar, parece, uma crônica incapacidade de lidar com a realidade numa base madura e racional.

Ou seja, acenando ao fundo sempre mais um traço repetido das muitas variações em torno do *caráter nacional brasileiro*. Alegre e reboativo, de riso escancarado e sexualidade à flor da pele, para mais bem corresponder ao que se deve esperar de uma macumba para turista, de um país para inglês ver. Chega a ser engraçado imaginar o rude sertanejo brasileiro — ora visto como um forte, ora como um atrasado e inferior, uma disfunção arcaica do Brasil modernizado — junto com as comunidades de imigrantes, imaginemos, de polacos, de alemães, de italianos, de árabes, de libaneses, de judeus, de japoneses, de coreanos, de espanhóis, todos misturados, sensuais e reboativos, para fazer jus ao imaginário folclorizado e exótico.

Cabendo notar que se trata de um mal-disfarçado racismo, mesmo que simpático, mesmo que abraseleirado pelo jeitinho, pois corresponde, quase sempre, a uma visão do negro e sua cultura como apenas corpo, movimento, dança, sensualidade, erotismo latente e incontrolável. Sem, é claro, a inteligência racional, a política, a filosofia, a ciência, parece que atributos apenas brancos e ocidentais do processo e, por certo, associados sempre às posições de mando, de influência, de prestígio e de riqueza na hierarquia social.

A configurar e mediar o processo temos, de fato, a *indústria da cultura*, também chamada de *cultura do espetáculo*, da *imagem do simulacro*, como força onipresente a moldar a vida cotidiana, os desejos e o imaginário das populações, das cidades e do interior, das

## O CONTINENTE DESENCANTADO

metrópoles e das pequenas cidades distantes. Com um tal grau de abrangência que os próprios capitais circulantes na videoesfera global tornam-se *virtuais*, num processo difícil de se explicar, até mesmo para um capitalista do passado, tradicional, que ainda podia apregoar uma ética do trabalho, do rigorismo moral e da “justa” acumulação privada da riqueza socialmente produzida. Convivência curiosa, mas plena de conseqüências, de escassez e desperdício, de renúncia libidinal e estímulos a consumo desenfreado, de moralismo bem conservador e pornografia de massa. A confirmar, ainda, a avaliação crítica de Adorno, que via esse mundo do consumo e da indústria da cultura como, ao mesmo tempo, *moralista e pornográfico*.

De maneira nenhuma uma liberação erótica e criativa, emancipadora, fora da esfera repressiva definida pela formação moderna do capitalismo.

Ao insistir na imagem do *mundo desencantado*, aplicando-a à modernização do capitalismo, no Brasil e na América Latina, em graus variados de avanço combinado com atraso, importa frisar que há, sempre, uma força contrária ou complementar, na forma de processos que tentam *reencantar o mundo*, cuja forma mais marcante e abrangente é, sem dúvida, a religião. Ou seja, a sociabilidade das populações, no campo e na cidade, no interior e nas capitais, no litoral e no sertão, ainda passa pelas variações do catolicismo, da umbanda, do candomblé e, cada vez mais, dos diversos cultos evangélicos. De fato, são forças complementares: a dureza da condição humana vivida sob o capitalismo precisa ser amenizada por essa *ilusão necessária*, que parece conferir ordem e sentido à experiência do sujeito, da família, da comunidade e do próprio universo, tornando inteligíveis a vida e a morte, o sofrimento e a alegria possível.

Sem reduzir o alcance da fé e da religião, importa indicar uma diferença: há os arrivistas que fazem da fé uma mercadoria, um espetáculo, uma mercadoria a mais entre qualquer outra mercadoria, e há os grupos religiosos imbuídos de um sentido moral e solidário que,

de fato, protege e une certas comunidades, sobretudo contra as drogas, o alcoolismo e a prostituição, que desagregam as famílias, afetando, é claro, muito mais os pobres, os moradores de morros e de periferias. E há, bem marcante nas últimas décadas, uma ala progressista da igreja católica, que organiza comunidades ativas, no campo e na cidade, com um sentido de justiça social e emancipação trabalhada que não se pode desconsiderar. E que se contrapõe, de forma enfática, mesmo que às vezes moralista, ao mundo coisificado, desencantado e impessoal que é típico do consumo de mercadorias. Note-se ainda que esses grupos religiosos de ponta não partem, nem se apoiam, em idealizações, mais ou menos fáceis, do que seria o tal “povo brasileiro”, nem muito menos em alguma variação da ideologia do “caráter nacional brasileiro”.

No vazio deixado pelo mundo que se desencanta, que se apresenta impessoal e sem coração, que se define pelo ter e não pelo ser, que deixa vago o lugar espiritual, místico e transcendente, que religa o sujeito com uma esfera superior e mais poderosa do que os imperfeitos reinos deste mundo, entram, a todo vapor, *as formas de consolação*. É um verdadeiro vale-tudo na *Disneylandia do sagrado*<sup>8</sup>, na produção e no consumo de misticismo barato e oportunista, diluidor, pragmático e trabalhando a favor de uma mais bem realizada integração de seus consumidores na própria esfera do capitalismo, entendido como mundo de ações práticas, não elaboradas, sem contradição, onde o que conta é a competição, o todos contra todos, o sucesso, a *qualidade total* como totalização do máximo de exploração da força humana de trabalho em benefício da máxima acumulação privada de riqueza. Nota-se que, lado a lado, sem maiores conflitos, convivem a *Disneylandia do sagrado* e o conhecimento pragmático do sistema, na forma de inumeráveis livros, vídeos, revistas e folhetos tratando da administração, da gerência, da eficiência, da qualidade, da informática ligada ao mundo da empresa. Ou seja, como atingir o sagrado, religar-se com o divino, transcender a matéria, ir além do existente em seis lições, com isso conseguindo sucesso, dinheiro e um bom cargo na empresa.

## O CONTINENTE DESENCANTADO

O que faz lembrar o *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, naquele trecho em que os atingidos pela *cegueira branca*, após a desgraça, a degradação e a barbárie, voltam à cidade e tentam se orientar e recomeçar a vida. São as praças onde se vendem milagres:

No caminho para a casa da rapariga de óculos escuros atravessaram uma grande praça onde havia grupos de cegos que escutavam os discursos de outros cegos, os que falavam viravam inflamadamente a cara para os que ouviam, os que ouviam viravam atentamente a cara para os que falavam. Proclamava-se ali o fim do mundo, a salvação penitencial, a visão do sétimo dia, o advento do anjo, a colisão cósmica, a extinção do sol, o espírito da tribo, a seiva da mandrágora, o unguento do tigre, a virtude do signo, a disciplina do vento, o perfume da lua, a reivindicação da treva, o poder do esconjuro, a marca do calcanhar, a crucificação da rosa, a pureza da linfa, o sangue do gato preto, a dormência da sombra, a revolta das marés, a lógica da antropofagia, a castração sem dor, a tatuagem divina, a cegueira voluntária, o pensamento convexo, o côncavo, o plano, o vertical, o inclinado, o concentrado, o disperso, o fugido, a ablação das cordas vocais, a morte das palavras.<sup>9</sup>

Ao que se poderia acrescentar, pegando o mote da morte da palavra, o fim da história, das ideologias, das utopias, da política, do social, da realidade, da representação do real, da infame totalidade, das grandes narrativas, do alto e do baixo, do dentro e do fora, do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto, da necessidade e da liberdade, do medo e da felicidade, da submissão e da emancipação, do existente e do

## TRAVESSIA

possível, tudo convergindo para a glorificação gozosa da parte, do fragmento solto, da imagem solta, da simulação abrangente, do pensamento mole, flexível, alternado, aberto, plural, indecível, incognoscível, derivado, à deriva, incapturável, ininteligível, apofático, quase sagrado, quase místico, dependendo se estamos pastoreando o ser ou fetichizando o signo e o significante.

Tudo bem instalado num confortável cotidiano dessas nossas cidades finisseculares, de onde se aboliu, pela via mágica e infusa do pensamento onipotente, possante na sua debilidade e abertura infinita, a necessidade, a carência, a exclusão, a renúncia, a escassez e todo desconforto, toda desumanização, toda irracionalidade, todo mal-estar na moderna civilização urbana do capitalismo, todo recalque e toda violência, todo impulso agressivo que pudesse — oh, maldito reprimido que ameaça retornar — nos levar de volta à sempre próxima e ameaçadora barbárie.

Ou seja, o pesadelo da história continua. Aquele, do qual James Joyce quis se livrar. Aquele mesmo, que fez Mário de Andrade pensar em si mesmo como um intelectual público de primeira linha, mas um artista de menor calibre, já que não poderia se dedicar apenas à construção de sua obra, distanciado do país e suas mazelas. O mesmo que tem jogado, com ênfase, tantos escritores recentes em suas subjetividades divididas, pondo-os à deriva na vida cotidiana das cidades, onde vagueiam, perdidos, às vezes como transeuntes sem força crítica, outras como sintomas bem nítidos de um indisfarçável mal-estar. E, aquilo que a literatura desencantada pode não dar — narrativas suculentas, atraentes e sedutoras, consolatórias e romanescas, fáceis e mágicas — a indústria da cultura e da religião regressiva das massas oferece aos montes.

Em meio a tantos problemas, complicados e espinhosos, árdios e cansativos, não se poderia esquecer a figura mais típica e mais regular do letrado brasileiro, constante através dos anos, inabalável em sua busca, indiferente à moda e à mudança das correntes teóricas. Busca decifrar a esfinge, quer a

## O CONTINENTE DESENCANTADO

resposta abissal, aquela que por fim decifrará o enigma brasileiro, a cifra bem cifrada da nossa formação literária, cultural e social. Talvez, passando por uma das praças dos milagres de nossa época, venha a resposta: um índio descerá de um estrela, colorida e brilhante — quem sabe Macunaíma de volta à terra, deixando de ser um brilho inútil no firmamento para dizer, pondo fim à novelesca angústia de nosso letrado se, afinal, Capitu traiu o glorioso Bentinho.

### NOTAS

---

1. *Caderno Especial Ano 2000. Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 de maio de 1999. Os dados retirados desse caderno da *Folha* são atuais e servem ao menos para colocar o alcance e a complexidade da acelerada urbanização da humanidade.

2. Idem.

3. Idem.

4. Idem.

5. Idem.

6. Idem.

7. Como referência para os problemas levantados pela modernização do capitalismo no Brasil, resultando em muitas rupturas e numa rápida passagem do campo para a cidade, refiro aqui os ensaios reunidos na recente *História da vida privada no Brasil*, sobretudo o volume 3, *República: da Belle Époque à Era do Rádio*, e o volume 4, *Contrastes da intimidade contemporânea*, publicados em São Paulo pela Companhia das Letras, ambos em 1998. O primeiro organizado por Nicolau Sevcenko, o segundo por Lilia Moritz Schwarcz, sendo a coleção dirigida por Fernando Novais. No volume 4, há bom material para se pensar a urbanização, a violência, a religião, a imigração, a indústria da cultura, o público e o privado, assim como as formas recentes da sociabilidade no Brasil, promovidas pela modernização do capitalismo.

8. A expressão *Disneylandia do sagrado* é do filósofo italiano Toni Negri. Foi usada para fazer a crítica dos livros de Paulo Coelho, mas se aplica à maravilha do misticismo pluralizado que ocupa tanto espaço neste final de século 20.

9. A citação do *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, encontra-se na página 284 da edição brasileira, Companhia das Letras, 1995.